

V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2013.

A urdidura da formação do educador.

Souza Neto, João Clemente y Schramm, Yara.

Cita:

Souza Neto, João Clemente y Schramm, Yara (2013). *A urdidura da formação do educador*. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-054/603>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/edbf/hDz>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A URDIDURA DA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Souza Neto, João Clemente; Schramm, Yara
Centro Universitario FIEO. Brasil

Resumen

Uma das atribuições do educador é transformar informações em conhecimentos que ajudem os educandos a encontrar um sentido na vida e, com isso, a evitar ações que promovam a barbárie. A práxis de educador pressupõe um projeto político-pedagógico que enfrente as diferentes patologias comportamentais advindas do contexto social. Sua formação ocorre ao longo da vida, assim como a educação. Ela é permanente e acontece na práxis, na construção da condição humana. O processo de aprendizagem, do ponto de vista político-pedagógico, tem que articular meios e finalidades. Um professor, um educador social, tem que ter clareza de suas razões, do que fazer e como fazer. Este texto busca elucidar, por meio de um estudo biográfico de dois educadores, as formas de ensinar e aprender, sobretudo do processo de formação, a qual deve ser auto, hétero e comunitária.

Palabras clave

Educação Social, Direitos Humanos, Comunidade

Abstract

THE DYNAMICS OF THE SOCIAL FORMATION OF THE EDUCATOR

One of the tasks of the educator is to transform information into knowledge to help the students to find meaning in life and, therefore, to avoid actions that promote barbarism. Praxis educator implies a political-pedagogical project that addresses the different behavioral pathologies arising from the social context. Its formation occurs throughout life, as well as education. It is permanent and happens in practice, in the construction of the human condition. The process of learning, from political-pedagogical standpoint, has to articulate media and purposes. A teacher, a social educator, has to be clear on his reasons, what to do and how to do. This text seeks to elucidate, through a biographical study of two educators, the ways of teaching and learning, especially the preparation process, which should be self, straight and in community.

Key words

Social Education, Human Rights, Community

Este texto procura esboçar a importância do estudo de elementos biográficos na formação de professores-educadores sociais. Para isso, procurou sentir e capturar os principais instantes e tempos da vida de dois educadores que, na simplicidade de sua fé, traduziram suas convicções no encontro com o outro, na interação social e na transformação do seu entorno. Eles são exemplos das manhas e artimanhas existenciais de pessoas que, apesar de sua fragilidade, tudo fizeram para ser coerentes com seus princípios e crenças, em meio às provocações de uma sociedade contraditória regida pela dinâmica do consumo e a desvalorização da vida. Suas biografias dão testemunho de que a formação é auto, hétero e comunitária, de que o papel da educação é formar e preparar seres humanos que respeitam o outro, nele confiam e com ele partilham.

O que buscaram e encontraram os educadores que trazemos para

este texto? Foram atrás de pessoas para formarem e para ser formados nos campos da solidariedade, da ética e de uma fé generosa e operosa. Eles entenderam a aprendizagem como um processo de mudanças atitudinais, pelas quais a educação agrega, integra, qualifica e faz a unidade da condição humana. Professores e educadores que obtiveram êxito em suas práticas pedagógicas e sociais, que também experimentaram o gosto da vida, souberam ser, fazer, aprender, conviver, amar, esperar, crer e abraçar. Isto é ter sabedoria.

O estudo de biografias é importante para se compreender determinados fenômenos. É o que revela Bourdieu (2005:132), em um momento de sua autobiografia:

Escrevi também e talvez acima de tudo na mira dos meus leitores mais jovens, dos quais espero que possam experimentar, por meio dessa evocação das condições históricas em que se elaborou meu trabalho e as quais por certo se encontram bastante distanciadas, sob diferentes prismas, daqueles em que eles estão situados, o que pude sentir cada vez que, no meu trabalho, logrei assumir o ponto de vista do autor, como dizia Flaubert, ou seja, colocar-me em pensamento no lugar que, escritor, pintor, operário e empregado de escritório, cada um deles ocupava no mundo social: o sentimento de apreender uma obra e uma vida no movimento necessário de sua realização e de estar, portanto, apto a conferir-me uma apropriação ativa de ambas [...]

Gostaríamos de acentuar que o estudo biográfico situa a pessoa no seu lugar social e traz à tona elementos históricos nem sempre imediatamente perceptíveis. No processo de educação, há que se perguntar sobre o que se faz, como se faz e por que se faz. Geralmente, nas biografias despontam esses três aspectos. No nosso entendimento, uma educação comprometida com a ética e com o sujeito tem sempre que responder a essas questões. A análise biográfica é uma forma de dar vida à voz do passado e de tentar compreender o presente para acolher melhor o futuro. Ou seja, de descobrir quais são as possibilidades, aberturas, brechas e caminhos a percorrer.

Por que escolhemos dar voz a José Joaquim e Lázara Silveira Pacheco? Por que seus reclamos ainda fazem eco nos dias de hoje? O que queremos descobrir nessas histórias? Em suas biografias, que vozes ecoam? Essas indagações nos levam a tomar como ponto de partida alguns pressupostos: primeiro, o de que nenhuma biografia está isolada dos demais contextos; segundo, que a análise biográfica pode nos ajudar a compreender uma determinada situação e ser um meio de transformar a realidade; terceiro, o estudo biográfico nos ajuda a perceber os vasos comunicativos entre gerações, instituições, contextos históricos.

De alguma forma, é dar vida a palavras e situações que estavam congeladas. Uma vez descongeladas, tendem a trazer um conjunto de conteúdos. No caso deste texto, temos três situações a desvendar: o que é ser catequista; o que é ser educador; o que é ser professor. Essas três dimensões, com suas peculiaridades, comunicam-se. Uma se desenrola na outra e contribui para seu aperfeiçoamento. A primeira tem como foco o encontro do sujeito com o Sagrado e com a humanidade; a segunda promove o encontro entre pessoas; a terceira busca o encontro com o conhecimento.

Essas três dimensões, desenvolvidas, levam ao encontro de uma verdade libertadora. Tanto em José quanto em Lázara, o que se percebe é que elas os conduziram até a palavra de Jesus: “A verdade vos libertará” (João 8,34). O impacto desta afirmação se percebe na práxis de ambos. Cada passo da história deles é um aproximar da verdade que liberta. A formação do educador social e do professor e do catequista passa por esse eixo condutor - o encontro da verdade.

Por essa razão, o fazer e o como fazer e o porquê fazer são importantes, para não se cair numa crítica esvaziada e sem sentido. Aprendemos dessas biografias que mais do que criticar, temos que apresentar os critérios para que as pessoas tenham condições de decidir. É interessante sempre analisar o que elas fizeram, como fizeram e por que fizeram. O fato não se explica em si. Essa é uma das vantagens da análise biográfica, porque ela busca as razões do sujeito em foco, ela se coloca no lugar dos fatos. Isso não significa que se esteja isento de cometer alguns equívocos, mas, seguramente, ela oferece conteúdos e razões da práxis do sujeito. Se vivemos uma crise sobre como formar o sujeito e de que modo o sujeito se forma, as biografias poderão nos ajudar. No caso de José e de Lázara, o critério de vida era o Sermão da Montanha (Mateus 5,1-7,28), complementado com o discurso sobre o Pão da Vida (João 6,1-59).

A tradição católica é rica em experiências de estudos biográficos. Das vidas dos santos e de seus líderes se extraem múltiplas possibilidades de viver o Evangelho e de melhorar o mundo. Vejam o exemplo de Francisco de Assis que até hoje impacta tantas pessoas. E já se passaram mais de oito séculos de sua história. Santo Agostinho, São Bento, Orígenes, Madalena, Tereza de Jesus e Tereza de Calcutá, Edith Stein, José de Anchieta, Santo Antônio de Santana Galvão, são alguns exemplos entre milhares. Além deles, os grandes líderes nos campos da economia e da política, como Bartolomeu de Las Casas, Che Guevara, Bolívar, Santo Dias, Dorothy Stang, Francisco Mendes... A marca dessas biografias, impressa em nossa memória, desperta estímulos que nos impulsionam a buscar caminhos e a reacender a chama da esperança, mesmo em momentos de crise.

O sonho abre caminhos, mas, também, faz reviver a força que vem de trás. Poderíamos dizer que o sonho contém elementos do passado, do presente e do futuro, que nele se encontram e mobilizam a caminhada. Estudos biográficos podem despertar essa trilogia e transformar o presente para acolher melhor o futuro. Não se trata, como diria Marx, de deixar que os mortos dominem o cérebro dos vivos; nem mesmo, no dizer de Benjamin, de ter cuidado para não ressuscitar os monstros do passado. O que pleiteamos é retomar os sonhos e as esperanças que se perderam no passado e que apontam para o futuro. Um exemplo deste movimento pode ser encontrado na história dos judeus e dos cristãos.

Como se sabe, os judeus estavam proibidos de tentar perscrutar o futuro. Pelo contrário, tora e oração são ensinadas na rememoração. Esta lhes desvendava o futuro, futuro em que sucumbiram aqueles que procuravam informações junto a adivinhos. Mas nem por isso o futuro se tornou para os judeus um tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a portinhola através da qual poderia surgir o Messias. (Benjamin 1991:164.)

Esses exemplos servem para mostrar a força das análises biográficas e, ao mesmo tempo, nos ajudam a compreender as biografias de educadores e catequistas pelo método de estudo de caso, com a finalidade de tecer um paradigma formativo que responda às exigências da contemporaneidade. Entre nós, fala-se muito em falta de formação dos professores e educadores. Olhando para as biografias de lideranças, educadores e professores, percebemos que o que

falta é definir um tipo de formação e o modo de se chegar a ela.

A pergunta de Lenin nos ajudaria a explicitar melhor essa situação. O que fazer e como fazer? E por que fazer? Para aqueles que acreditam na Palavra de Deus, nela se encontra o porquê do nosso fazer. Para os cristãos, esta razão emerge sempre da práxis de Jesus: “Eu vim para fazer a vontade de meu Pai” (João 6,38). O “que fazer” e o “como fazer” ficam a nosso critério dentro de um dado contexto. É algo que devemos descobrir. As razões da nossa esperança têm sempre que ser dadas, conforme São Pedro nos orienta (cf. 1Pedro 3,15).

Muitas vezes, nossa sociedade, marcada pelo consumismo e pela mercantilização da vida, nos induz a um descolamento de nossas razões. Um professor, um educador social, um catequista, educador da fé, tem que ter clareza de suas razões, do que o leva a atuar num determinado contexto. A partir daí, deve buscar responder a duas questões: o que fazer e como fazer? De alguma forma, isto significa refletir sobre nossa atuação e, ao mesmo tempo, sobre nossas razões. Isto é a práxis: as razões, o que fazer, e como fazer, em busca da transformação.

6.1. A busca de um construto para a formação do educador e do catequista

Em primeiro lugar, é preciso tomar cuidado para não fazer da formação uma panaceia que responda a todos os desafios dos processos de desigualdade e injustiça social, de violência e exploração. Para verificar nossas hipóteses, trazemos para este texto a biografia de dois educadores catequistas que, a partir de sua fé e de seu relacionamento com a realidade, buscaram construir um tecido social mais ético. A característica comum a ambos era a intimidade com a Palavra de Deus, o compromisso com as pessoas, com o desenvolvimento social e com a aprendizagem. Para eles, a aprendizagem era um processo integral, dotado aspectos cognitivos, físicos, psicológicos, morais, religiosos e econômicos.

O primeiro exemplo que escolhemos é o de José Joaquim, imigrante português, que veio para o Brasil ainda criança, no início do século XX. Depois de trabalhar na agricultura e na fundição em uma ferrovia, tornou-se professor e catequista, e teve uma atuação comunitária exemplar, no sentido de construir um tecido social pautado na ética e no conhecimento.

O segundo exemplo é o de Lázara Silveira Pacheco. Natural de Maringá, SP, passou 28 anos no Recolhimento das Irmãs Concepcionistas, em Sorocaba, num cotidiano de pobreza, simplicidade, penitência, oração e trabalho. Em 1967, pediu a excomunhão, devido a problemas familiares e uma motivação para viver a consagração no mundo. Dedicou-se ao trabalho em comunidades eclesiais de base, exerceu a profissão de enfermeira, atuou como catequista e dedicou-se ao cuidado de pobres e de crianças e adolescentes em situação de abandono.

Nas biografias de José e Lázara, pode-se ver que a ação de educar envolve partilha de esperanças, ilusões, desilusões, entusiasmo, comoção e sofrimentos. Segundo sua concepção, a base do movimento educacional será sempre a busca da verdade, a procura de caminhos. A busca pela verdade que liberta era um princípio que deveria impregnar qualquer processo de transformação e de aprendizagem. O sujeito existe na relação com o outro, desde o nascimento. À medida que se revelam, sujeitos e objetos tornam-se protagonistas, auto e interconstrutores. Cada um pode apropriar-se de parcelas do conhecimento da humanidade e transformá-las. Tal movimento altera a vida do educador e do educando.

Uma das atribuições do educador é transformar informações em conhecimentos que ajudem os educandos a encontrar um sentido na vida e, com isso, a evitar ações que promovam a barbárie. A práxis

de educador pressupõe um projeto político-pedagógico que enfrente as diferentes patologias comportamentais advindas do contexto social. Sua formação ocorre ao longo da vida, assim como a educação. Ela é permanente e acontece na práxis, na construção da condição humana. O processo de aprendizagem, do ponto de vista político-pedagógico, tem que articular um meio e uma finalidade.

6.2. Saber para ser e fazer

Na concepção de José e Lázara, a educação e a catequese integram a condição humana. São projetos de vida, muito além de um simples diletantismo. A formação do educador se estende ao campo da reforma moral, circunscrita em suas experiências cotidianas. Eles acreditavam na ação do educador e do catequista como uma dedicação à missão de combater a ignorância e de ajudar a crescer no conhecimento e no testemunho da fé. Era este seu lema e a motivação principal de sua existência.

Autores, como Bourdieu, acreditam que o sujeito reproduz hábitos e representações como se fossem verdades inquestionáveis, mas é no cotidiano que ele encontra táticas e estratégias de saída e realização. Nesse sentido, o cotidiano não é apenas *locus* de reprodução, é um espaço que permite o impulsionar da vida. A partir de certa leitura de José e Lázara, entendemos que o cotidiano é heterogêneo, rico de possibilidades. Sua identidade está imbricada com um cotidiano que reflete um caldo cultural de fundo religioso. Para facilitar a compreensão desses princípios, extraímos de suas biografias alguns temas que acreditamos ser importantes para a formação do educador e do catequista. Suas palavras e testemunhos falam por si[1]. Um primeiro ponto a destacar é o encantamento pela descoberta do saber, na forma como o descreve José:

Intuí que a mãe da miséria é a ignorância. Fui primeiro combatê-la em mim mesmo, para depois ajudar os outros a vencê-la, como procurei fazer, mais tarde, pela catequese e pela educação [...] Em 1918, aos dez anos de idade, comecei a frequentar as aulas do curso primário, na escola que ficava situada em um alto, no bairro do Pimenta. Minha professora era D. Zulmira Silveira de Almeida Matos. Eu era um dos melhores alunos da classe e tinha um encanto enorme e um grande carinho pelos livros. Fiz o meu primeiro exame em 13 de dezembro de 1918 e deixei de frequentar as aulas em 1920, aos doze anos de idade. Nessa época, adquiri o gosto pela leitura, que me acompanhou pela vida inteira. Muitos anos depois, tinha o hábito de caminhar com um livro aberto nas mãos, lendo sempre que possível. Os textos que mais me agradavam eram os de história natural e religião. (Souza Neto e Schramm, 2003:31).

Quanto mais aumentam a ignorância e o desconhecimento dos valores e das regras de uma civilização, mais aumentam as vias de certa destruição da humanidade e o distanciamento da promessa de Jesus de que a verdade produz um conhecimento libertador. O educador e o catequista tendem a despertar o gosto pela vida, o respeito, a solidariedade e a criatividade, que é a busca por excelência da libertação.

Na experiência de Lázara, desde menina, a curiosidade e a indignação eram meios para adquirir o conhecimento. Depois de uma grave [...] pneumonia, Lázara embarcou no tempo das travessuras. No Externato Santa Escolástica, a escola pública onde estudava, era levada demais. Brigava, aprontava das suas, escrevia nas costas das colegas de aula, provocava as professoras. A mãe não sabia mais que atitude tomar. A última traquinagem provocou três dias de suspensão. Desenhou a careta da professora D. Zizi na lousa, com um olho aberto e um olho fechado. Foi demais para a disciplina da época. Ameaçada de ficar trancada sozinha na sala da caveira, Lázara ainda zombou do castigo: - “Quero ver como a caveira funciona!”

E disse mais: que ia quebrar tudo. O diretor, Prof. Daniel, convocou a mãe. Lázara teria que deixar a escola pública e ser internada no colégio pago. D. Ignatia, agoniada, entrou na igreja Santa Clara e entregou a filha a Nossa Senhora: - “Nossa Senhora, cuida dela, não sei mais o que fazer!” Seja por causa da oração da mãe, seja por outras razões, o fato é que Lázara melhorou. Tornou-se outra menina! Contudo, foi estudar no colégio particular.

Viver é também aprender a lidar com a ordem e a desordem, com as certezas e incertezas, com a dor e a alegria. Significa amar e ser amado - ou não - correr o “risco” de encontrar perspectivas que deverão ser construídas ou transformadas ao caminhar. Para isso, é necessário ao sujeito ter uma posição questionadora, curiosa, o que é próprio do ser pensante. Não se tornar prisioneiro das ameaças da vida. A “caveira”, as sombras, as ameaças não podem paralisar o sujeito. O que parece é que a mãe de Lázara era suficientemente boa, por uma perspectiva winicottiana. A mãe cria a fantasia, mas dá suporte para que a filha enfrente desafios. A religião, neste caso, é também um suporte, sobretudo pelo aspecto da relação com Nossa Senhora que, em sua concepção era também sua mãe. A tal ponto, que a menina canalizou positivamente sua rebeldia.

De diferentes formas, José e Lázara tinham um desejo de descobrir, de conhecer, de mudar de vida, a partir de uma motivação religiosa. Daí, um segundo aspecto importante, a decisão de aprender sempre:

- “Ao completar as séries da escola elementar, eu não possuía recursos para continuar a estudar. No início e talvez até meados do século do século XX, não havia escolas públicas para todos. Quem tinha condições frequentava escolas particulares, dirigidas por Congregações Religiosas, ou viajava para estudar no Exterior [...] Ante a precariedade da situação, resolvi dedicar-me sempre à leitura instrutiva, de livros de ciências, história e religião, quando podia consegui-los. É bom destacar que naquela época não era tão fácil encontrar um livro. Aos poucos, aprendi a pensar, a ler, a escrever e a analisar o mundo, longe da escola oficial, mas próximo do meu cotidiano. Um livro de geografia era meu encanto. Em cada momento livre, lia e lia o tal livro que prendia minha atenção e me fazia compreender melhor a natureza. Quando escurecia, lia sob a luz do lampião, e ficava a pensar no que lera pela noite adentro” (Souza Neto e Schramm, 2003:31).

Essa experiência de José deixa patente que a construção do conhecimento e da aprendizagem não ocorre num único lugar, mas em todas as esferas e campos em que se concretiza a vida humana, ainda que seja em espaços marcados pela negação de direitos.

Lázara sonhava em ser missionária num outro Continente. Seu ideal era levar Jesus ao mundo e o mundo ao encontro de Jesus. Acalentava o projeto de semear a Palavra de Deus no meio de outros povos, numa realidade diferente, numa outra cultura, em outra disposição geográfica. Queria que Jesus fosse mais conhecido, amado, seguido e servido em todo o mundo, não apenas em Sorocaba. O clima religioso, a prática da fé na família e o jeito da cidade influenciaram na escolha de sua vocação. Com dezesseis anos de idade, Lázara começou a planejar o melhor modo de realizar seu sonho de ser missionária na África: - “Isto me levou a me dedicar mais aos estudos, a conhecer a fé. Minha família não era rica, mas tinha as condições para me manter na escola.” E a cidade de Sorocaba estava em franco desenvolvimento. Tinha escola, trabalho e colégios de freiras.

Hoje, a Unesco tem colocado que todos devem pensar numa educação ao longo da vida. Na história de Lázara e de José, isso fica claro. Eles buscam estudar e refletir sobre a vida ao longo dos anos. Daí, um terceiro aspecto, ligado à motivação religiosa para o saber:

- “O que eu talvez quisesse era conhecer o próprio Deus e o ser humano. Como Deus é infinito, o conhecimento de tudo que está ligado a ele também é infinito [...] Estas são coisas distintas, mas intimamente ligadas, a tal ponto que houve quem afirmasse que os países protestantes enriqueceram mais do que os católicos, porque se dedicavam mais à educação e à leitura da Bíblia.^[2] Assim, os protestantes desenvolveram a capacidade de refletir e de discutir, ao passo que os católicos ficaram mais presos à superstição, por falta de formação religiosa e de instrução.” (Souza Neto e Schramm, 2003:31-32.)

É interessante perceber que a fé não leva somente ao encontro de Jesus Cristo. Ela vai além, transforma a realidade humana, cria condições para a vivência do encontro de Deus com a humanidade e desta com Deus. O testemunho de fé evidencia que Deus habita na cidade e se comunica com ela (cf. Salmo 47,9). De uma forma ou de outra, a natureza sempre ajuda a encontrar a verdade e a produzir um conhecimento. Não há conhecimento científico que não tenha emergido da base primária da natureza.

- “Permaneci no Mosteiro de Sorocaba até comemorar 25 anos de consagração religiosa. Mas lá dentro ouvia falar do mundo em guerra, dos desafios que a Igreja e o Papa Pio XII enfrentavam, dos ataques da cortina de ferro aos líderes da Igreja. Sofria com a situação da Polônia, da Hungria, da China, dos embates que ocorriam pela interferência do comunismo stalinista.” Lázara conta que quando saía da clausura, observava pelas ruas os simples, os sofredores e perdidos. Começou a se identificar mais com eles, e menos com a vida do mosteiro. Apesar de se sentir feliz com a consagração, ela imaginava que ensinar e viver o Evangelho no mundo era uma forma mais eficaz de ajudar a curar muitas dores, a recuperar pessoas que viviam imersas em grande sofrimento.

Aqui não se trata de uma tensão entre Deus e César. Convém destacar que pensadores como Durkheim afirmam que a ciência é filha da religião. A história do conhecimento está vinculada à religião. Nesse sentido, José Joaquim e Lázara têm certa razão, mas a religião também se desenvolve e aperfeiçoa de acordo com o desenvolvimento da sociedade e vice-versa. Para os clássicos da sociologia, a religião tem um papel fundamental no sentido de oprimir ou de libertar o indivíduo. No caso em questão, a religião ajudou a construir um tecido social diferenciado.

A religião tanto pode propiciar aos indivíduos uma solidariedade emancipadora, quanto escamotear as mais variadas patologias e práticas de crueldade. Sobre isso, refletem Fromm, Mauss, Morin e Bastide. As mudanças de sentido, que emergem da ação do sujeito individual ou coletivo e das instituições, aparecem com mais força nos momentos de conflitos, dificuldades e tragédias. Certas apropriações que o sujeito faz de si e do outro dependem muito de como ele enxerga e sente as coisas. Nossa forma de sentir depende das nossas janelas, os cinco sentidos, e também das nossas vivências religiosas e culturais, que podem aprisionar nossas percepções mais criativas.

José Joaquim afirma que no começo de sua vida não possuía consciência clara de seu projeto, mas que, ao longo do tempo, foi percebendo que existia em sua forma de viver um fio condutor. Um quarto aspecto do saber ser e fazer são as descobertas e alegrias de cada dia:

- “Sobre meu aprendizado, um fato ficou gravado na minha lembrança. Anos mais tarde, deixei a enxada e o cafezal, e fui trabalhar como auxiliar de farmácia. Numa conversa, usei o adjetivo escoreito, que significa sem defeito, apurado, correto, honesto. Todos riram de mim. Mas o farmacêutico foi buscar o dicionário de português. E localizou a palavra, como eu a havia empregado. Fui elogiado, e voltei

para casa, emocionado, feliz, com vontade de aumentar meus conhecimentos. Essa é uma das razões que me levam a pensar na importância de valorizar as pequenas descobertas, durante o processo de aprendizado. Na adolescência, cada descoberta me impulsionava a conhecer mais e mais” (Souza Neto e Schramm, 2003:32).

A aprendizagem e o conhecimento ganham sentidos novos na aplicação, o que hoje chamamos de saber-fazer. Muitos criticam, dizendo que isso é um utilitarismo do conhecimento. Mas, a partir de nossa compreensão da história de José Joaquim, defendemos que o conhecimento deve sempre servir a vida, garantir a estética da vida, fazer a vida mais leve, mais bela e prazerosa. Isto é o encontro da verdade, da verdade da vida que está em Deus. Dizia Santo Agostinho que nossa alma está inquieta até encontrar o Deus verdadeiro.

Uma qualidade de Lázara para manifestar a alegria das descobertas e dos encontros era a música. Seus dias ganhavam alegria e leveza com a música e o canto, coisas que sabia fazer muito bem. Era com piedade e animação que se sentava ao órgão para tocar, cantar e acompanhar as orações e a liturgia.

Logo que saiu do convento, Lázara uniu-se ao movimento das comunidades eclesiais de base, que trabalhavam em pequenos grupos, para o fortalecimento da fé. Sua irmã Luiza nunca participou dos movimentos da comunidade. Em Sorocaba, dirigia uma escola de música, há quinze anos. Ensinava acordeão e outros professores ensinavam violão. Para Lázara, era uma maravilha. Ela gostava de música, de cantos, igual a D. Ignatia: - “Eu cantava, participava de corais, fui regente de coro, e gostava dessa vida. Deixei a clausura, entrei na roda do mundo e me dei muito bem!”

Nos pressupostos de José e de Lázara, há uma noção de sujeito que poderíamos definir com base no sentido que o indivíduo atribui a sua existência. Esse processo apresenta as motivações e a dinâmica do aprendizado. Segundo nossa concepção, o sentido ocorre no interstício da relação entre o sujeito e o cotidiano. Por essa perspectiva, vemos em suas biografias um processo quase ininterrupto de relação entre o cotidiano e os sonhos. Ora o cotidiano os estimula, ora os sonhos atraem o cotidiano. Seu desejo de estudar fazia com que descobrissem as estratégias e táticas possíveis para isso. Mesmo que tivessem que repetir um mesmo gesto, de um modo que fosse sempre novo. Isto é olhar para além do que se vê, é adquirir a capacidade de contemplar o invisível. Às vezes, o educador tem que viver “como se visse o invisível” (Hebreus 11,27). Cada educando é portador de uma nova vida que ainda não é, mas que será. Talvez isso nos ajude a entender a ideia de potência de Nietzsche, ou a noção do vir a ser.

Seus relatos deixam perceber uma mistura de aspectos religiosos, ecológicos, subjetivos e racionais. Essas feições constituem a dinâmica de uma aprendizagem que confere coragem, esperança e força para estabelecer um projeto de vida. O suporte religioso serve para tranquilizar e dar força ao sujeito. Viver é sofrido, e mais sofrido é viver para além da mediocridade, quando o sujeito descobre que sua emancipação é também a libertação do outro.

6.3. A urdidura da vida: do sonho à realidade

Nos relatos de José e Lázara, pode-se apreender que o processo de formação ocorre na junção de vários elementos, pois a vida está articulada com o ecossistema. O sujeito criativo descobre que diante do risco e do perigo emergem, também, as oportunidades. A exclusão de um fator pode determinar a morte ou a castração do processo de aprendizagem do sujeito. Poderíamos demarcar suas trajetórias de vida com o seguinte título: do sonho à realidade, isto é, ao saber-ser, fazer, aprender, conviver, amar, abraçar e acreditar.

Na urdidura da vida, é necessário desenvolver algumas dimensões, para articular o porquê fazer, o que devo fazer, como faço e para quem faço. Uma primeira dimensão é a força que nasce da fé:

- “Durante os vinte anos de trabalho na caldeiraria, impossibilitado de prosseguir os estudos, procurei me aprofundar cada vez mais nos conhecimentos bíblicos e vivê-los. Sempre considerei que, em primeiro lugar, antes da carreira profissional, vinha a missão para a qual Deus me chamara.” (Souza Neto e Schramm, 2003:74).

José Joaquim, um apanhador de café, distante dos centros de decisão e de conhecimento sistematizado, busca motivações e estratégias para sua formação. À medida que o tempo passa, descobre o gosto pelo conhecimento. José foi agricultor, balconista, ferroviário, catequista e professor. Essa dinâmica de promoção de vida se deve a seu esforço para estudar. Acrescenta-se a isso o contexto histórico. Ele encontrou na religião a razão para ser catequista e educador, pois acreditava que combater a ignorância aproximava as pessoas de Deus e que a educação era um meio para isso.

Talvez o que faz um bom profissional ou educador seja a consciência do que se faz, do porque se faz e para quem se faz. José Joaquim estava consciente de que fazia tudo para agradar a Deus e acolher o próximo. Por isso, como terceiro franciscano, repetia: - “Meu Deus e meu tudo!”

Lázara assumiu a presença cristã no mundo, como alguém que se esforça para agradar ao Senhor (cf. 2Coríntios 5,9), permanecer firme contra as ciladas do demônio e resistir no dia mau (cf. Efésios 6,11-13). Enfim, tomou a decisão de testemunhar a fé na vida de cada dia, assumiu a cruz e a busca de sempre caminhar em comunhão, mas sem perder a alegria, jovialidade e confiança simples no Senhor.

- “Em 1974, comprometi-me com a catequese, o cuidado e a defesa das crianças abandonadas. Entendia que esse era o melhor modo de concretizar meu amor a Jesus, à Igreja e à cidade. O meu ingresso no Instituto Catequético deu um novo sentido a minha vida. Daí pra frente minha vocação consistia em ser uma presença transformadora de Deus no mundo. No meio das pessoas, num modo simples de viver...”

Lázara entendia que o trabalho profissional era o jeito excelente de viver a sua fé como alguém que contribui para a construção de uma cidade melhor para todos: imersa na realidade, no trabalho de cada dia. O sentido da existência, para ela, assim como para José, tem a fé como ponto de partida. Na dinâmica de sua história, a fé se percebe não como algo alienante, mas como algo que impele e mobiliza a restaurar a justiça. Eles percebem que conhecer não quer dizer somente ler ou interpretar o mundo. É, sobretudo, ler, interpretar e transformar a vida pessoal e daqueles que o cercam. O encantamento pelo conhecimento, a decisão de aprender sempre, o entusiasmo com as descobertas e alegrias de cada dia alimentam o gosto pela vida e a esperança, tendem a modificar formas de ver, conceber o mundo, as pessoas, o trabalho e sociedade, dão vida ao sentir e ao agir. Todos esses elementos repercutem na construção de um tecido social. O sujeito criativo, imbuído de esperança, sabe que não há “[...] uma realidade em si mesma, em si e por si, mas apenas em relação histórica com os homens que a modificam” (Gramsci, 1984:34). Outra dimensão é o exercício de uma profissão que, para José, era o gosto de ensinar:

- “Em 1937, soube que poderia instalar uma escola sem autorização e depois a mesma ser reconhecida. Assim, eu planejava minha nova carreira. Para isso, contava com a ajuda de alguns irmãos da Ordem Terceira de São Francisco. Obtida a licença para lecionar, em 21 de setembro de 1944, fundei o ‘Instituto Educacional São José’, no qual fui professor e diretor durante 27 anos.^[3] A fé, em

sua simplicidade, busca as oportunidades que a realidade oferece.” (Souza Neto e Schramm, 2003:74).

As oportunidades, para quem crê, aparecem, às vezes, como um mimo de Deus para servir à comunidade. Na concepção de José Joaquim, não são privilégios para os indivíduos. São meios para fortalecer a comunidade, para desenvolver os processos de convivência humana. O mesmo acontecia com relação à Lázara, que tinha o gosto pelo cuidar:

- “Por volta de 1975, descobri uma vida diferente. Em São Paulo, fui fazer o curso de auxiliar de enfermagem, com especificação em psiquiatria, e passei a trabalhar no Hospital São Paulo. Cuidar dos enfermos era uma alegria, era uma forma de viver a caridade de Cristo.” Com isso, ela estava muito feliz. A vida profissional era um lugar muito adequado para viver a fé e dar testemunho.

O trabalho profissional ajuda o sujeito a fortalecer sua identidade. De modo geral, estar desempregado é se perder, é ficar um pouco à deriva nas relações sociais. O trabalho é mais do que um simples meio de sobrevivência, é uma forma de realização pessoal e de servir a comunidade, pela ótica da solidariedade. Durkheim descreve no livro *A divisão social do trabalho* que o trabalho é fonte de produção de solidariedade e, por isso, junto com a religião, é a base da integração social. Na concepção de Lázara e de José, o trabalho é uma fonte econômica e de solidariedade e convivência social.

Uma terceira dimensão é o apoio e o incentivo dos amigos. Destaca Giddens que amigo é quem acolhe e dá pistas para que o outro possa crescer.

- “Na medida do possível, eu me esforçava para estudar e ampliar meu conhecimento de todas as matérias possíveis. Em 1940 e 1941, fiz o curso de cultura religiosa e de teologia dogmática ‘Mater Boni Consilii’, sob a direção dos padres jesuítas, no Colégio São Luís, em São Paulo. Também lia muito e estudava sozinho, até que consegui, por concurso, realizar meu sonho de me formar professor. Estudei com muito afinco e recebi o incentivo e o apoio de amigos de Campinas, todos eles professores. Fui aprovado no exame de magistério pelo Ministério da Educação e Cultura.” (Souza Neto e Schramm, 2003:74).

A escolha pertence ao indivíduo, mas é necessário o apoio de amigos, familiares e a existência de condições objetivas. Este tripé, quando integrado, pode ajudar o sujeito a mudar de vida, sobretudo quando esse sujeito tem força de vontade, esperança e otimismo operativo, seja por uma perspectiva gramsciana ou cristã.

No caderno grande de capa preta, Lázara escreveu os nomes dos novos amigos: “Tercina, a vizinha do lado; Regina, a vizinha dos fundos; Diva e Bernardo, a avó Áurea, seu marido Salvador e os netos; Tereza Cunha e os filhos, Floripes e os seus; Lurdes e sua família. A Odete Caffaro, colega de trabalho de enfermagem no Hospital São Paulo; Maria da Conceição e seu marido Expedito Batista eram os amigos da mesma rua. Lázara procurava se relacionar o melhor que podia com todos os vizinhos e as pessoas do lugar e começou a juntar as famílias das redondezas. O principal atrativo dessas reuniões eram as festas. - ‘Como era um bairro assim ... pobre’, conta a irmã de Lázara, “a gente fazia as festas com as próprias crianças aqui da rua. Na época de festa junina, um trazia um saquinho de pipoca, outro amendoim, ou bolo, ou três ovos, ou um quilo de farinha de trigo... E na festa de Páscoa também. Só que não tinha ovo de Páscoa. A gente fazia desenhinhos em papelão e colocava em ovos pequeninhos, balinhas, e entregava para eles. Os pais, cada um entrava com um pouquinho, um entrava com bala, outro com doce”.

A amizade é constituída por meio de interações que produzem um tecido social. “Relacionamentos são laços baseados em confiança,

onde a confiança não é pré-dada, mas trabalhada, e onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de autorrevelação.” (Giddens, 1991:123.) A amizade é uma virtude tão preciosa para o desenvolvimento dos homens, que nela “[...] as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu.” (Montaigne, 1972:98.)

É importante destacar que Lázara e José se tornaram amigos, pois ambos eram membros da Ordem Terceira Franciscana. Em 1971, José Joaquim convidou Lázara para ingressar no seu Instituto dedicado à catequese, que ele havia fundado. Seu lema era: *Do fel, fazer o mel*.

- “No decorrer dos anos, construí algumas amizades que muito me ajudaram e que, paradoxalmente, até conseguiram atrapalhar um pouco minha caminhada. É como o ditado popular de que toda rosa tem espinhos. Até plantei várias roseiras em minha casa, para poder compreender melhor os acontecimentos a partir desse pensamento do senso comum. Diria, ainda, que um homem somente pode realizar os seus sonhos se encontrar amigos. No meu caso, chegar a ser professor só foi possível porque contei com a amizade de um grupo de professores.” (Souza Neto e Schramm, 2003:78).

José Joaquim dava prioridade ao campo relacional. Neste, é que ocorre o desenvolvimento de quase todas as potencialidades humanas, sobretudo a capacidade de conviver. Na sociedade atual, essa habilidade tem sido muito fragilizada, porque a força motriz das estruturas sociais está centrada no individualismo. O que importa é o bem-estar do indivíduo. No cristianismo, o bem estar e a realização passam pela cruz. Por meio dela, milhares de homens e mulheres descobriram o valor e a importância da paz. Uma quarta dimensão é conhecer e transformar a vida.

- “O processo de aquisição do conhecimento é sempre conflitante, porque modifica muitas coisas em que acreditamos e achamos que são verdadeiras. À medida que estudamos, vamos descortinando um mundo que só conhecíamos pela aparência. Se aprender já é difícil sob a orientação de um professor, muito mais difícil é como autodidata. Eu lutava para ter formação religiosa e, ao mesmo tempo, conseguir uma profissão que me permitisse combater a ignorância, agora não só religiosa, mas social. Segundo minha concepção, a escola era um instrumento que ajudava a expandir minha missão [...] A escola ia caminhando. Apesar de certas dificuldades, sempre tinha alunos e nela eu não perdia a oportunidade de fazer catequese e dar um ensino de boa qualidade. A prova disso é que os alunos que prestavam exames no Estado eram aprovados, o que era uma das normas da época.” (Souza Neto e Schramm, 2003:75). No pensamento de Marx, encontra-se a ideia de que o conhecimento filosófico é insuficiente, se não transformarmos o mundo. Pela perspectiva de José Joaquim, o conhecimento tem que iluminar a vida para chegar ao encontro da verdade. O conhecimento deve nos conduzir a algo operativo. Por isso, no decorrer de sua vida, ele fundou diversos grupos de catequese, comunidades, grupos bíblicos, sempre imbuído da ideia de que o conhecimento tem que interferir na vida.

Pelo filtro de conhecer e viver para transformar, Lázara entendeu que deveria dar uma resposta concreta à dura realidade social de crianças abandonadas, na comunidade e na cidade. Mulher de fé simples, alegre, esperançosa e forte, de comunicação fácil e direta, começou a reunir as crianças e as famílias das redondezas: - “Ser feliz é dar com alegria,” dizia Lázara. As famílias começaram a perceber uma grande mudança nas crianças e procuravam Lá-

zara para lhe agradecer. As mães notaram que diminuía as reclamações dos vizinhos e a polícia em suas portas, que as crianças começavam a ir para a escola. Diziam que “a mulher gorda que morava lá embaixo, perto do rio, ensinava eles”. Determinada a viver pelo evangelho, concretizou sua decisão de acolher em sua casa pobre e de dois cômodos até cinco crianças que poderia sustentar. Os vizinhos puseram-se à disposição para ajudá-la. Lázara estava segura de sua missão:

- “Eu creio que cuidar dos menores abandonados e evangelizá-los é uma missão que a divina providência me confia. Eu creio no poder da divina providência. Eu quero voluntariamente cooperar com a divina providência e servir aos menores abandonados, vendo neles a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quero partilhar tudo que tenho, sem lesar os direitos de ninguém. Terei como finalidade única o bem dos menores, sua formação humana e religiosa. Somos filhos de Deus e somos todos irmãos. Deixar uma pessoa sofrer sem fazer nada para diminuir seu sofrimento significa que ainda não vivemos o Pai-Nosso.”

Ela mobilizou a comunidade, criou um movimento de comunhão em torno das necessidades do lugar. Adotou uma criança da favela e levou-a para sua casa, com mais algumas crianças. No final dos anos setenta, comissários de Diadema lhe pediram para abrigar outras crianças: - “Nós não temos nem sequer um juiz de menores próprio da cidade. As crianças ficam nas celas dos presos, para não permanecerem jogadas na rua, pois não há nenhum lugar para deixá-las.” Lázara ampliou o espaço e organizou o Lar de Menores São José. Um dos sinais de seu encontro com Cristo era acolher os pequeninos: - “Aquele que receber uma destas crianças é a mim que recebe; e aquele que me recebe, recebe aquele que me enviou.” (Marcos 9,37.)

Nos biografias de José e Lázara, há uma tensão entre o ser, o saber e o fazer. De fato, o aprendizado acontece quando o indivíduo consegue integrar e articular essas dimensões. Não basta ter um saber qualquer. É preciso saber usar o conhecimento. A dimensão do invisível está no ser. E a dimensão do visível aparece no fazer. José Joaquim tem um desejo profundo de combater a ignorância, mas precisa encontrar uma estratégia para realizar esse anseio. Deu forma a essa aspiração por meio do magistério. Estudou por conta própria, prestou concurso para ser professor, aproveitou essa brecha para realizar seu sonho, uma vez que não dispunha de recursos financeiros para seguir o caminho comum. Assim, não só conquistou o direito de ser professor, como também abriu uma escola.

Nessa história, poderíamos trazer a metáfora do trem. Em cada estação, novas pessoas embarcam e outras descem. Na viagem da vida, a cada encontro, vamos transformando nossas expectativas. Sonhos que ficam e sonhos que vão. O educador deve descobrir qual é a locomotiva que puxa os vagões de sua vida. José e Lázara acreditam que essa locomotiva é Deus. A partir desse veio, organizam a vida e estabelecem a relação entre o ser, o saber e o fazer. Sua história segue um eterno recomeçar, cheia de ondas e tempestades, mas também de alegrias e esperanças. Na viagem da vida, às vezes se caminha movido por um misto de realidade e de ilusão. Como podemos constatar nessa dinâmica, onde existe história, há um preço a pagar (cf. Certeau, 1996:196). Finalmente, é necessário rever e refazer projetos de vida:

- “Hoje, se eu pudesse tirar uma lição, diria que os acontecimentos queriam me comunicar que era chegada a hora de refazer meus projetos e de buscar outro mar. Assim como minha mãe e meu pai, quando perceberam que não dava mais para ficar em Portugal, vieram para o Brasil, eu deveria ter aprendido dessa história e partido para outro lugar. 71; 27 Ao olhar para o passado, vejo que as mu-

danças econômicas, sociais e religiosas interferiam em minha vida, orientavam minha concepção da vida e do mundo, limitavam minhas escolhas. E de uma coisa tenho segurança, de que Deus estava lá me dando força e coragem para seguir adiante. Agora, distingo claramente que ele estava me preparando para uma missão, que eu ainda não entendia plenamente. Mesmo assim, fiz tudo que estava ao meu alcance para responder aos apelos de Deus, como sempre fiz em minha vida. Sinto uma alegria sem fim, quando olho como o Pai do Céu faz para se comunicar com seus filhos.” (Souza Neto e Schramm, 2003: 27;71.)

Além de membro da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, José Joaquim organizou e dirigiu durante quase meio século o Instituto Catequético Secular São José, ICSSJ, uma organização comprometida com a evangelização e a catequese, que tem como objetivo dar continuidade ao seu ideal de seguir Cristo Mestre, Único e Sumo Bem. A todos deixou uma mensagem de fé em Cristo:

“Com o olhar em Cristo, tudo será mais fácil. Quem abre espaço para o Cristo, regula por ele os pensamentos e ações. O conselho que deixo aos meus amigos é de se lançarem com toda confiança nos braços de Jesus Cristo, com toda a fé e com toda a certeza de que não vão ficar renovados. E de todos o que desejo é que sejam fiéis, como eu fui fiel. Espero e conto que façam isso, sem vacilar.” (Souza Neto e Schramm, 2003: 132.)

Sua vida permitiu a tessitura de um *ethos* cristão, nas práticas dos operários, das famílias, dos empresários, da juventude, dos homens e mulheres, dos catequistas, dos pobres e doentes. Ele testemunhou que a vivência do cristão deve se voltar para os diferentes espaços sociais e não exclusivamente à comunidade paroquial. Optar pelo Reino de Deus significa empenhar-se, com a força de Deus, para tomar fragilidades, vícios, injustiças sociais e negações de direitos e transformar tudo isso em virtudes e projetos de vida, por uma perspectiva de realização.

Toda a cidade de Diadema se beneficiou de um trabalho que começou pequenino, numa rua de um lugar esquecido. Lázara teve a sensibilidade de aglutinar as forças vivas da cidade, em vista do bem comum. Suas relações com a sociedade local e com a comunidade eram um exemplo de que o seguidor de Cristo não se deixa arrastar pelo redemoinho do poder, da competição desenfreada, da vaidade e das riquezas. Ela encontrou no servir aos mais necessitados a garantia de que seguia o Caminho, a Verdade e a Vida.

Persistente, fiel e ativa, Lázara foi incansável até o fim, apesar das lutas e acusações que precisou enfrentar. Em 1990, aos 68 anos, falava do seu sofrimento de ver vários garotos e garotas que havia acolhido, no Lar e na catequese, vitimados por policiais e justiceiros: - “Hoje, sei que vários estão na Casa de Detenção ou em Delegacias, ou junto de Deus, porque são tão discriminados e injustiçados que eles têm que ter o Reino de Deus.”

Pessoas como Lázara buscavam viver as bem-aventuranças (cf. Mateus 5-7) com uma fidelidade radical, para transformar em vida o que assimilaram do evangelho. Ela testemunhou aos pobres o Cristo Senhor, alegria e salvação, libertação da exclusão e da marginalidade. Seu exemplo é de que os discípulos de Cristo “edificarão os lugares antigamente assolados, restaurarão os de antes destruídos e renovarão as cidades arruinadas, destruídas de geração em geração” (Isaías 61,4).

Nas décadas de mil novecentos e oitenta e noventa, Lázara encontrou em Jesus, na fé, força e lucidez para liderar a pastoral do menor em Diadema. Ela contribuiu para a construção de uma cultura de direitos que protegesse as crianças da perversidade e da maldade humana, que ajudasse os adolescentes a construir um projeto de vida dentro dos princípios da ética. Isto significa um

projeto comprometido com o desenvolvimento da vida, como orienta Jesus. Além desse compromisso, participou da Ordem Terceira Franciscana e coordenou o Instituto Catequético Secular São José, por três anos.

Por ocasião de sua morte, em 2004, sobre ela falou D. Sérgio Eduardo Castriani, atual arcebispo de Manaus, AM: - “Lázara foi uma das pessoas mais impressionantes que conheci. Uma grande mulher, uma grande consagrada, enfim, uma pessoa digna de sua vocação e filiação divina. Que ela interceda por nós lá junto de Deus, quando começar a contar os problemas das suas crianças e exigir providências de Deus.” O jornal *Folha do Dia* (03/02/2004:2), de Diadema, dedicou a Lázara meia página. Na manchete, podemos ler: “Morreu Dona Lázara, a mãe dos menores carentes de Diadema.” Sua morte foi “o fim de uma das mais importantes mulheres de Diadema, que abandonou tudo para se dedicar às crianças carentes...”

Que todas as ações de Lázara tiveram como foco seu encontro com Jesus, podemos perceber nas palavras escritas em seu Diário, em 31 de dezembro de 1992:

- “Quero Cristo vivo em meu coração. Quero Cristo amado em minhas ações. Quero Cristo servido em meu falar. Quero Cristo adorado em todo o meu ser. Quero só a Cristo em todo o meu viver. E só por ele a todos amar e servir.” São palavras que mostram como o encontro pessoal com Jesus alavanca um projeto de vida, cujos desdobramentos nem sempre podemos antever plenamente. Deus é aquele que sempre nos surpreende e sustenta na caminhada. Talvez seja por essa razão que Lázara escreveu em 1989: - “Já lá se foram dez anos do início do nosso trabalho em Diadema. Que longa caminhada. Se pudéssemos antever tudo por que tínhamos que passar, certamente não teríamos coragem de ter iniciado. Como é bom viver o dia a dia. Tudo surpresas. Alegrias e esperanças.”

Reiteramos que o processo de formação e de transformação ocorre na vida cotidiana. Lázara demonstrou isso. Não somente buscou sua formação, como também a dos outros. Para ela, a formação acontece no compartilhamento entre as pessoas.

6.4. Um olhar da pedagogia social sobre o engajamento do educador

Este texto assumiu como pressuposto que a educação ocorre em múltiplos espaços e não apenas em um. No panorama da pedagogia social, segundo nosso entendimento, o estudo biográfico amplia a abrangência da compreensão desse pressuposto, uma vez que oferece a oportunidade de se compreender a educação dentro de sua abrangência social, cultural, política e religiosa.

Daí a importância de o educador tomar consciência de que é referência para os demais. O equilíbrio resultante da elaboração de um projeto de vida vem carregado de sentidos para a caminhada num processo humanizador. O educador pode ampliar as possibilidades e oportunidades de autoconhecimento, conhecimento e descobertas que repercutem na transformação e construção de valores e hábitos culturais, como a figura do intelectual orgânico, desenvolvida por Gramsci.

Todo ser humano, ao nascer, deseja a verdade e a liberdade, só que, no meio do caminho, ele se perde nos emaranhados das ideologias e nas perspectivas do mercado. A práxis do educador, fundamentada na consciência de que a história e o indivíduo se complementam de forma interativa, contribui para superar a irracionalidade da cultura de subserviência e exploração que impregnam o cotidiano dos excluídos. Especialmente se estiver apoiada na convicção de que a verdade tem, de fato, força libertadora. O conhecimento é importante quando resulta de uma experiência individual e coletiva,

a serviço de uma vida melhor para todos.

O empenho na descoberta de si e do outro, dentro do conjunto das relações humanas e com a natureza, se faz com criatividade, para enfrentar e superar desafios, dar um sentido à vida. O sentido é uma mistura de efeitos e de sensações que, às vezes, podem ou não ser compreendidos num contexto heterogêneo no qual ele contribui para ligar partes que parecem desconexas e sem comunicação. O sentido estabelece uma lógica que ajuda a pessoa a realizar sonhos e projetos, a propor mudanças para si e para o cotidiano. Ele se constrói e pode ser capturado nas relações do dia a dia. Não se trata de uma questão racional ou racionalizada, mas de uma forma eficaz de olhar para os acontecimentos. O sujeito é doador de sentido, como uma das formas de manifestação de sua criatividade.

Um ponto vital na experiência de José Joaquim e Lázara é o sentido que atribuem aos acontecimentos. O sentido é uma síntese de múltiplos fatores e, neste caso, é a articulação entre a razão e a transcendência. Para eles, o acontecimento transcende a aparência. Todos os fatos ganham sentido na presença e na contemplação de Deus. Nas biografias de José e Lázara, percebemos que a formação e a ação se inserem nas pequenas e grandes reflexões que emergem no dia a dia da vida. Aqui, não há uma separação entre teoria e prática, mas uma unidade entre elas.

A educação social acontece em múltiplos espaços e em múltiplos movimentos da vida. A filosofia da práxis, a filosofia da libertação, a pedagogia do oprimido, a psicologia da libertação e a teologia da libertação demonstram a riqueza das experiências de educadores sociais. Todas essas reflexões e ações estão sendo acolhidas de forma orgânica na pedagogia social. Nela não há uma recusa de teorias da libertação e da cultura e da religião popular, mas uma assimilação, avaliação e superação.

E quanto mais o educador estiver consciente de que a verdade liberta, tanto mais se transformará, e não somente ele, mas seu entorno, sua comunidade e a sociedade como um todo. De tal modo, que a relação entre o oprimido e o opressor, com seus processos de exploração, tenderá a desaparecer ou a ser colocada num outro patamar. Aonde chega, revestida dos valores da ética, a verdade desorganiza e reorganiza as relações, em vista da concretização da liberdade. Nós propomos que o seguimento da prática de Jesus poderá ajudar a realizar esse princípio.

NOTA

[1] Para elaboração deste texto, as fontes de consulta foram: o Arquivo do Instituto Catequético Secular São José; relatório de pesquisa; artigos e livros que publicamos e que se encontram na bibliografia.

[2] O sociólogo Max Weber explica essa ideia no livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

[3] No final do ano letivo de 1971, o Instituto Educacional São José encerrou suas atividades.

BIBLIOGRAFIA

- Bauman, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- Berger, P.J. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2003.
- Bloch, E. *O princípio esperança*. Vol 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- Bowlby, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- Canetti, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Castoriadis, C. *O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- Certeau, M. *Invenção do cotidiano*. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DAp. *Documento da V Conferência do Celam em Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- Deleuze, G. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Durkheim, É. *Da divisão do trabalho social*. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1978.
- Foucault, M. *A microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1981.
- Freire, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- Freire, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- Giddens, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- Gramsci, A. *Cadernos do cárcere*. V. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- Gramsci, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- Habermas, J. *Fundamentos pré-políticos do Estado de direito democrático?* In Schüller, Florian (org.) *Dialética da secularização*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005.
- Hisada, S. *A utilização de histórias no processo psicoterápico*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- Josgrilberg, F.B. *Cotidiano e invenção, os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- Manzini-Covre, M. de L. (org.) *Mudança de sentido, sujeitos e cidadania*. São Paulo: Expressão & Arte, 2005.
- Mendonça, R. *Fabrino. Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público*. In *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, no. 72. São Paulo: Cedec, 2007.
- Morin, E. *Ciência com consciência*. Portugal, Europa-América, 1998.
- Ratzinger, J. *O que mantém o mundo unido. Fundamentos morais pré-políticos de um Estado liberal*. In Schüller, Florian (org.) *Dialética da secularização*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005.
- Ricoeur, P. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- Schramm, Y., Souza Neto, J.C. *Cristo Mestre, Único e Sumo Bem*. São Paulo: Expressão & Arte, 2005.
- Schuller, F. *Dialética da secularização*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.
- Souza Neto, J.C. de. *Crianças e adolescentes abandonados, estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Expressão & Arte, 2002; 2003.
- Waldman, B. *Clarice Lispector. A paixão segundo CL*. São Paulo: Escuta, 1993.
- Weber, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Winnicott, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.